

Mística e militância em perspectiva feminina: o testemunho de Dorothy Day (EUA, 1897-1980)

Mysticism and activism from a female perspective:
the Testimony of Dorothy Day (USA, 1897-1980)

Ceci Maria Costa Baptista Mariani *
Breno Martins Campos **

Resumo

O desenvolvimento do capitalismo industrial no século XX escancarou grandes contradições. Nos EUA se enfrentava polarização extrema, concentração de riqueza, e aumento de pobreza. O mundo conhecia a guerra em dimensão mundial e com base na tecnociência. Foi um tempo de grandes desafios para todos, mas, especialmente, para as mulheres, provocadas que foram a sair da posição de rainhas do lar, para enfrentar os desafios de uma sociedade que se ordenava pelo lucro. Considerada um exemplo de santidade, Dorothy Day oferece aos crentes, teólogos e estudiosos de religião um diário, no qual descreve seu itinerário espiritual em meio aos desafios daquele contexto. Sem constrangimento, demonstra que a santidade se realiza nos caminhos e descaminhos da vida. Dorothy Day é uma mulher de olhos abertos para a realidade, tocada pela indignação diante do sofrimento do pobre – e cuja espiritualidade se aprofunda em cada convocação da vida. Observa-se em seu testemunho militante uma espiritualidade profunda, por isso, tem sido considerada uma mística contemporânea. Por meio de metodologia bibliográfica exploratória, este artigo tem como objetivo contribuir para a divulgação dos escritos dessa mulher (talvez ainda pouco conhecidos no Brasil) e, com isso, alargar o conhecimento da presença feminina no campo da religião.

Palavras-chave: Religião. EUA. Dorothy Day. Mística feminina. Capitalismo.

Abstract

In the Twentieth century, industrial capitalism faced several contradictions during its development. The United States of America dealt with extreme polarization, unbalanced concentration of wealth, and increasing poverty. The world was experiencing a global war rooted in techno-science. There were challenging times, especially for women, who were pushed from their position as queens of their homes to face the trials of a society that organized itself through profit. Considered an example of sanctity, Dorothy Day offers a diary to believers, theologians and religious scholars, which contains the depictions of her spiritual itinerary through the difficulties of that period. Without embarrassment, she shows that holiness is achieved by walking through many paths in life: directed and misdirected. Dorothy Day is a woman with open-eyes to reality, moved by indignation in face of the suffering of the poor - and whose spirituality deepens with each call of life. Her militant testimony reveals a profound spirituality, which is the reason she has been considered a contemporary mystic. By exploratory bibliographic research, this article aims to contribute to the dissemination of this woman's writings (little known in Brazil) and, in doing so, hopes to broaden the knowledge of the female presence in religion.

Keywords: Religion. USA. Dorothy Day. Feminine Mystics. Capitalism.

Artigo submetido em 07 de setembro de 2024 e aprovado em 03 de fevereiro de 2025.

* Doutora em Ciências da Religião (PUC-SP). Mestre em Teologia Dogmática. Professora na PUC-Campinas, no Instituto São Paulo de Estudos Superiores e no Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal). País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-2948-5705. E-mail: cecibm@puc-campinas.edu.br.

** Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor da PUC-Campinas. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0001-7421-4499. E-mail: brenomartinscampos@gmail.com.

Introdução

Aí ofereci uma oração especial, uma oração com lágrimas e de angústia, pedindo para que alguns caminhos se abrissem para eu usar os talentos que possuía em favor de meus colegas de trabalho, dos pobres (Dorothy Day).

Começamos este artigo por formulações contextuais relevantes e até certo ponto necessárias, mas não imediatamente ligadas a Dorothy Day. A primeira delas está vinculada à vida e obra de Max Weber. Como ponto culminante de um difícil tempo em sua vida pessoal, familiar e profissional, lembremo-nos que Weber experimentou, em 1897, o início de um período de crises nervosas e depressão – marcado por internações, tratamentos, viagens terapêuticas –, que se estendeu até cerca do final de 1902. Como um dos resultados, aqueles anos foram de reduzidas atividades de pesquisa, ensino e produção acadêmica. Em 1903, recuperado de sua crise, Weber deu uma guinada em sua vida profissional, mais ligada à pesquisa, editoria de periódico científico, estudos interdisciplinares, dentre outras atividades, sem depender da docência para seu sustento.

Quanto àquela que pode ser considerada sua obra-prima (*A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*), a primeira parte (“O problema”) foi concluída antes de sua viagem aos Estados Unidos da América (doravante, EUA), em 1904; a segunda (“A ideia de profissão do protestante ascético”) veio à luz depois de sua experiência na América e sob influência dela.

Segundo opinião de Antônio Flávio Pierucci (2006, p. 7-8)¹, é sempre bom deixarmos claro que Weber não nos deixou somente duas edições da obra *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, mas duas versões: “A primeira, publicada em duas levas, em 1904 e 1905, e a outra, revista e ampliada, editada em 1920”. A primeira versão (em duas partes) foi publicada em forma de artigos científicos nos *Arquivos de Ciências Sociais e Política Social (Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik)*; a de 1920 é a versão em que o autor acrescentou uma “Introdução”, a apresentar a seus leitores os fundamentos de

¹ Por mais que se tenha propagado no Brasil haver sido Pierucci o tradutor da obra magna de Weber para o português, na edição brasileira da Companhia das letras, original de 2004 (o exemplar que estamos a utilizar, aqui, é da edição de 2006), o tradutor, na verdade, é José Marcos Mariani de Macedo. Pierucci cumpriu o papel de fazer a revisão técnica, bem como a apresentação, o glossário, a correspondência vocabular e o índice remissivo da obra.

suas teses a respeito, por exemplo, do Ocidente, modernidade, racionalização, desencantamento – e, sobretudo, de acordo com nossos interesses, das afinidades eletivas (correlações) entre a religião (protestantismo) e a economia (capitalismo)².

Ainda que nosso destaque a seguir seja um excerto do texto de Weber anterior a sua passagem pelos EUA, parece-nos suficiente para descrever o “espírito” do capitalismo. Trata-se do artigo de 1904 de um “estudo assumidamente *sociológico* sobre a gênese da cultura capitalista moderna” e foi ele quem fez de Weber um autor “ainda mais respeitado no meio daquela ‘galáxia de intelectuais brilhantes’ que constituía o mandarinato acadêmico da Alemanha de seu tempo e, ainda por cima, famoso, falado, discutido” (Pierucci, 2006, p. 11). No segundo capítulo (O “espírito” do capitalismo) da “Parte I – O problema”, Weber sintetiza (sem exaurir) a profissão de fé ianque no “espírito” do capitalismo, como ética e não apenas como técnica, por meio de máximas de Benjamin Franklin, cuja lição mais didática é encontrada logo na primeira das sentenças: “Lembra-te que *tempo é dinheiro*” (Weber, 2006, p. 42).

Nosso intuito, até aqui, foi o de oferecer um quadro do “espírito” do tempo da vida e obra de Dorothy Day, nos EUA, num período de afirmação do capitalismo industrial, do imperativo da técnica, bem como da hegemonia do liberalismo econômico e de mercado – que é, de fato, o objeto que nos importa. Em franco diálogo com Weber, Michael Pollak (p. 103, 1996)³ afirma:

Depois de insistir nos limites da pressão sobre os salários como modo de acumulação, sobretudo nas indústrias cuja aparelhagem técnica exige a qualificação e a responsabilidade dos operários, Weber mostra que o trabalho dependente também é conduzido e sustentado por uma ética: a “vocação” (Beruf). Em compensação, as novas riquezas são, quase sempre, conseguidas por novos-ricos nas fábricas nascentes, ou por jovens empresários “que tornam mais racional a articulação entre a produção e seu rigor, e a comercialização”. A concorrência que se segue elimina aqueles “que não acompanhavam o passo”.

Do que se diz acima, queremos destacar a noção popularizada a afirmar

² Para nos reportamos à versão de 1920, valemo-nos deste artigo de uma edição consagrada no Brasil, que é a Editora Pioneira, traduzida por M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi, sendo que o exemplar a que temos acesso é de 1967.

³ Nota explicativa da revista *Mana* a respeito do artigo citado: “Esta é a segunda parte do artigo póstumo inédito de Michael Pollak, cuja primeira parte foi publicada no volume 2, número 1, abril de 1996, *Mana – Estudos de Antropologia Social*” (Pollak, p. 111, 1996).

que *quem não tem competência não se estabelece*, algo próximo do que hoje estamos a chamar de *empreendedorismo com meritocracia*. Pouco tempo atrás, mesmo aqui no Brasil, falávamos de *American Way of Life*. Por óbvio, não estamos a fazer a defesa do modelo vigente no EUA, conforme a descrição de Pollak, ao contrário, pretendemos criar uma imagem (ou imaginário) dele a fim de estabelecermos uma análise e certa crítica – para as quais, Dorothy Day vem ao nosso encontro, ou melhor, vamos nós ao encontro dela.

Dorothy Day nasceu em Nova Iorque, em 1897 (o mesmo ano do início das crises depressivas de Weber), seu pai, procedente de família congregacionalista, e sua mãe, de família episcopal, mantiveram-se, depois do casamento, afastados de suas respectivas igrejas – por exemplo, nenhum de seus cinco filhos foi batizado. Por isso mesmo, Dorothy Day não teve vivências religiosas intensas na infância, em que pese lembrar-se de orar à noite, antes de dormir, e na escola, no período da manhã, mas não de ir à igreja (Day, 2019)⁴.

Ao recorrermos, por exemplo, à obra de Weber, fizemos uma necessária digressão ao passado – em relação a tempos e contextos pregressos à própria Dorothy Day ou, no máximo, concomitantes ao início de sua história –, por ora, queremos aproximar o objeto de interesse deste artigo à contemporaneidade, ou seja, o nosso próprio tempo e seu “espírito”, bem como ao catolicismo contemporâneo. Para o Papa Francisco (2015), Dorothy Day é modelo de testemunho cristão⁵, pois seu compromisso social e sua paixão pela justiça e pela causa dos oprimidos – inspirados pelo Evangelho, por sua própria fé pessoal e pelo exemplo dos santos – são cada vez mais atual e têm muito a nos dizer neste início de milênio (já na terceira década), no qual ainda se enfrenta a pobreza no mundo todo e de modo mais radical em algumas regiões (que convivem com

⁴ Utilizamos neste artigo a edição portuguesa da biografia de Dorothy Day, de 2019, intitulada *A longa solidão*: autobiografia de Dorothy Day. Todavia, registramos que o original em inglês é de 1952, com um subtítulo mais longo (e, portanto, mais completo): *The Long Loneliness: Autobiography of the Legendary Catholic Social Activist Dorothy Day*, de 1952. Inclusive, temos em mãos um exemplar em inglês para cotejamento de algumas das traduções citadas.

⁵ A viagem apostólica do Papa Francisco a Cuba e EUA e a visita à sede da Organização das Nações Unidas se deram aos 19-28 de setembro de 2015. Em seu discurso ao Congresso estadunidense, aos 24 de setembro de 2015, além de mencionar Dorothy Day, cita também Abraham Lincoln, Martin Luther King Junior e Thomas Merton: “A minha visita tem lugar num momento em que homens e mulheres de boa vontade estão a celebrar o aniversário de alguns americanos famosos. Apesar da complexidade da história e da realidade da fraqueza humana, estes homens e mulheres foram capazes, com todas as suas diferenças e limitações, de construir um futuro melhor com trabalho duro e sacrifício pessoal – alguns à custa da própria vida. Deram forma a valores fundamentais, que permanecerão para sempre no espírito do povo americano. Um povo com este espírito pode atravessar muitas crises, tensões e conflitos, já que sempre conseguirá encontrar a força para ir avante e fazê-lo com dignidade. Estes homens e mulheres dão-nos uma possibilidade de ver e interpretar a realidade. Ao honrar a sua memória, somos estimulados, mesmo no meio de conflitos, na vida concreta de cada dia, a haurir das nossas mais profundas reservas culturais” (Francisco, 2015).

níveis de pobreza extrema).

Não custa fazer uma conta a explicitar que quase uma década já se passou desde o discurso do Papa ao Congresso dos EUA e os conflitos no mundo, bem como a pobreza dos povos, só se fazem ampliar. Como também se amplifica – portanto, de modo diretamente proporcional – o impacto e a relevância da vida e obra de Dorothy Day para os tempos em que ocorrem nossas vidas e nos quais desenvolvemos nossas obras. Assim como o Papa Francisco, consideramos imperioso que Dorothy Day seja conhecida em todo o mundo – Brasil incluído, é claro – e que sua memória e legado sejam difundidos (até porque os efeitos deletérios do capitalismo no mundo também só se multiplicam).

Jornalista de profissão e apaixonada por literatura, o itinerário espiritual de Dorothy Day demonstra que Deus se relaciona com as pessoas na própria condição existencial delas, respeitando seu jeito de ser e, de fato, contando com isso. Noutros termos, segundo interpretação teológica daquilo que se evidencia social e subjetivamente, Deus se relaciona com as pessoas com seus limites e fragilidades, e sem negar a complexidade e os desafios relacionados aos mecanismos de plausibilidade (inclusive, a religião) no que toca às relações interpessoais e comunitárias (Campos; Mariani, 2015).

Noutro texto, o Papa Francisco (GE, 10) afirma que, desde o Concílio Vaticano II, na *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, salienta-se que todos os cristãos são chamados à perfeição do Pai, “seja qual for a sua condição e estado” e “cada um por seu caminho”. O Papa assinala, ainda, que a presença feminina é “indispensável para refletir a santidade de Deus neste mundo” (GE, 12).

Por conseguinte, em face da vida e obra de Dorothy Day, podemos dizer que colocar seus talentos em favor de operários, pessoas pobres e seus irmãos foi uma busca efetiva e constante. De modo que queremos refletir a respeito do testemunho de Dorothy Day, recolhido, principalmente, de sua autobiografia. Nossa proposta é, antes de tudo, propor uma leitura sistematizada e interpretada de Dorothy Day. Antes, porém, de nos aproximarmos de sua vida, por nós considerada como uma mística contemporânea, queremos apresentar uma

abordagem panorâmica do contexto social em que viveu.

1 A vida sob os impactos dos tempos modernos

De acordo com um recorte eurocêntrico (portanto, limitado) – que, hoje, poderíamos chamar de *Norte Global* –, a modernidade foi um tempo de grandes transformações na história: seu início, desenvolvimento e apogeu se deram por verdadeira crise paradigmática, com consequências e sentidos ainda não esgotados.

O que é modernidade? Como uma primeira aproximação, digamos simplesmente o seguinte: “modernidade” refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência (Giddens, 1991, p. 11).

Na sequência da definição, o próprio Anthony Giddens discute se a categoria *modernidade* teria ou não esgotado sua capacidade analítica acerca da contemporaneidade. O *tour de force* mais decisivo em que ele se envolve é com o conceito “pós-modernidade”, por exemplo, conforme a argumentação de Jean-François Lyotard. Para Giddens (1991, p. 12), Lyotard foi o autor que em primeiro lugar se tornou “responsável pela popularização da noção de pós-modernidade”, a se referir “a um deslocamento das tentativas de fundamentar a epistemologia, e da fé no progresso planejado humanamente”. Ainda segundo Giddens (1991, p. 12), o arrazoado central de Lyotard pode ser interpretado como “uma evaporação da *grand narrative* – o ‘enredo’ dominante por meio do qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro predizível”.

Se por transição de um período histórico (modernidade) a outro – por exemplo, sociedade de informação, sociedade de consumo – ou, propriamente, pelo encerramento do período moderno – e abertura da pós-modernidade, pós-modernismo, sociedade pós-industrial e assim por diante –, parece-nos que a opinião de Giddens é a de que o caminho mais fácil, para muitos, foi encontrar um novo nome para eventos que não compreendiam plenamente. A proposta dele (com a qual podemos concordar) vai a outra direção e é de concepção diferente das demais:

Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Além da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é “pós-moderna”; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de “pós-modernidade” (Giddens, 1991, p. 13).

Voltando no tempo, podemos afirmar que não foi sem consequências que o legado da passagem do teocentrismo para o antropocentrismo (ou humanismo) e a herança do Renascimento como um todo impactaram as gerações seguintes – assim como nos impactam até hoje, na contemporaneidade –, daí a dificuldade de encontrarmos um *nome* (conceito ou categoria) para a *coisa* (a fase da modernidade em que estamos). Dentre as transformações modernas – não necessariamente nos primeiros movimentos do humanismo renascentista ou renascimento humanista –, destacamos as revoluções burguesas, sobretudo, de acordo com o escopo deste artigo, a Revolução Industrial (a partir da segunda metade do século XVIII), cujos resultados se dão na transição de um mundo econômico ordenado pela hegemonia da agricultura para outro, que passa a ser determinado pela indústria e pelo mercado – justamente pela circulação da mercadoria (produto da indústria) no mercado.

A compreensão das teses marxianas do fetichismo da mercadoria⁶ é fundamental para entendermos como a humanidade (que é viva) torna-se reificada (coisificada) pelo inanimado (mercadoria), que, por sua vez, ganha vida (Marx, 1980). Como exemplo, parecem-nos decisivas as cenas do filme “Tempos modernos”, um clássico de Charles Chaplin. Embora a produção seja de 1936 e, portanto, esteja no bojo das discussões econômicas, políticas e sociais da crise desencadeada em 1925, não nos parece desajuizado retroprojetarmos aquelas imagens aos primórdios do capitalismo industrial. Se, no princípio, a ferramenta se compara a uma extensão do corpo, no transcurso do desenvolvimento do capitalismo, podemos até dizer que o corpo seja a extensão da ferramenta.

Para além de questões econômicas – e mesmo assim em conexão com elas –, a emergência do método científico (anterior à Revolução Industrial), com base no modelo experimental, e o desenvolvimento da técnica (tecnologia), com sua

⁶ “À primeira vista, a mercadoria parece ser coisa trivial, imediatamente compreensível. Analisando-a, vê-se que ela é algo muito estranho, cheia de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas” (Marx, 1980, p. 79).

própria racionalidade, cálculo e instrumentalidade, levaram à implementação da utilização da máquina (modelo mecânico) nos meios de produção. Considerado o conjunto dos eventos e transformações epistêmicas e empíricas, estamos a tratar do nascimento e desenvolvimento do que podemos chamar de *civilização industrial, técnica* e de *mercado*. Caracterizada pela separação entre a pessoa que produz e a que consome, pela economia de mercado e pelo predomínio de uma elite tecnocrata, a civilização industrial provocou, como ainda provoca, um grande impacto nas sociedades e na humanidade, de modo geral, transformando sua maneira de viver e de compreender o mundo, bem como de se autocompreender.

Em chave teológica e no diálogo com Afonso Garcia Rubio (2001, p. 28-31) quanto ao desafio *da unidade na pluralidade*, destacamos algumas consequências antropológicas do processo de industrialização, do imperativo da técnica e tecnologia, e da influência do mercado (desde o início do século XX).

a) A civilização industrial destrói a unidade entre o ser humano e a natureza – mesmo que que a disjunção entre humanidade e natureza pudesse existir antes da modernidade, entendemos que ela era menor e menos deletéria, por exemplo, em modos de produção econômicos anteriores à Revolução Industrial. A economia capitalista, industrial (técnica) e de mercado libera a humanidade à consideração da natureza como objeto de exploração, numa relação própria de dominação. Ciência e técnica modernas propiciam, de fato, pela primeira vez na história, um domínio efetivo e eficaz da humanidade sobre a natureza. Trata-se de uma espécie de domínio (e não de cuidado), cuja consequência é a atual devastação do ambiente, que ameaça a sobrevivência das espécies, inclusive (ou sobretudo), a espécie humana;

b) O sistema de mercado, por sua vez, reforça o dualismo antropológico, no sentido de estabelecer no próprio ser humano um conflito entre o papel de produtor e o de consumidor. A mesma pessoa que, na condição de produtora, deve ser disciplinada, comedida, controlada (características exigidas dela pelo capitalismo), como consumidora, tem

de buscar recompensas imediatas, procurar o prazer, ser hedonista⁷. Como agência decisiva dentro da sociedade capitalista, a publicidade incita a sociedade a comprar compulsivamente;

c) A civilização industrial alimenta a crença no progresso e julga a si mesma como num estado superior, considerando inferiores as sociedades não industrializadas; além disso, justifica o imperialismo econômico (*neoimperialismo*), mesmo com seus efeitos devastadores para a vida, cultura e identidade de povos colonizados ou *neocolonizados*;

d) Sob o influxo do método experimental, a sociedade industrial segue desvalorizando tudo o que não pode ser enquadrado pela racionalidade e pelo cálculo científico. Por exemplo, entram na lista de sua desqualificação a imaginação, o simbolismo, a fé – o que implica um grave empobrecimento do humano e uma redução de suas potencialidades;

e) Tal modo de produção de riqueza requer uma transformação na família. A exigência de mobilidade necessária aos interesses da produção em massa, da centralização da energia, da urbanização impõe um modelo de família de tamanho reduzido: a família nuclear formada por marido, mulher e um ou dois filhos,

f) Na sociedade industrial, a escola deve também estar a serviço do sistema de produção-distribuição. A escolaridade é obrigatória e se presta à disciplinarização, aprendizagem da obediência e capacitação para a realização de tarefas repetitivas.

O ser humano moderno não é, portanto, como muitos sonhavam no alvorecer desse novo momento cultural, não somos cidadãos livres, antes de tudo, somos trabalhadores a serviço da produção-distribuição-consumo. O sonho de ser senhor de si foi dissipado. A civilização industrial detona, na verdade, um

⁷ A primeira parte da assertiva nos faz lembrar, aqui, algumas das teses de Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*; a segunda parte, por sua vez, em virtude de tratar de uma nova etapa do capitalismo, destoa delas, pois Weber aponta um uso frugal – exigido pela ética protestante – das benesses do capitalismo e não de sua ostentação (nem mesmo da realização de prazeres por meio do consumo).

grande processo de massificação. O resultado, em nossos dias, é o que Edgar Morin (2005) chama de *o quadrimotor ciência-técnica-economia-indústria*⁸, a caracterizar a modernidade globalizada, que é, ao mesmo tempo, fruto e sustento do desejo que está à porta do indivíduo, da sociedade e da humanidade – como animal à espreita pronto a devorar.

Enfim, podemos passar ao testemunho de Dorothy Day, mulher que enfrentou com coragem, determinação e, principalmente, grande compaixão as contradições de uma sociedade e seu “espírito”, nos EUA, no transcurso do século XX. Não nos parece sem propósito o registro de um dado cronológico, que é simbólico (e não por seu aspecto positivo): encerrada sua vida obra e luta, Dorothy Day morreu aos 29 de novembro de 1980, de modo desafortunado em relação a seus sonhos para a população estadunidense, sobretudo, a mais vulnerável, aos 20 de janeiro de 1981, o presbiteriano Ronald Wilson Reagan assumiu a presidência dos EUA – e com ele veio a implementação do neoliberalismo econômico e as consequências sociais de um Estado reduzido ao mínimo.

2 Os movimentos radicais e a crítica à religião

Já sabemos que Dorothy Day não teve pai e mãe de prática religiosa e piedosa considerável. Já no transcurso da infância, com oito anos de idade, por meio de contato com uma família metodista, afirma ter conhecido a “verdadeira piedade, no sentido da doçura da fé” (Day, 2019, p. 27). No entanto, ao mesmo tempo, confessa ter se tornado desagradável e orgulhosamente piedosa. Começou a ter medo de Deus, da morte e da eternidade.

Dorothy Day (2019, p. 26) lembra-se, ainda, de outras emoções da infância ligadas à religião: uma sensação de santidade experimentada ao ler a Bíblia numa tarde chuvosa; e, outra, relacionada ao contato com histórias de santos. Ela também narra o grande entusiasmo que sentiu ao ouvir de uma amiga da vizinhança pobre em Chicago⁹ sobre a vida de um santo:

⁸ Quadrimotor: “Termo que põe em conexão quatro instâncias, ciência-técnica-economia-indústria, para designar as forças que impulsionam o desenvolvimento atual do planeta” (Morin, 2005, p. 211).

⁹ A família de Dorothy Day havia se mudado para Chicago depois que seu pai perdeu o emprego em consequência do grande terremoto de São Francisco (ocorrido em 1906).

Essa foi uma das ocasiões em que meu pequeno coração se dilatou e eu pude senti-lo a inchar de amor e gratidão por um Deus tão bom, [...] estava cheia de um esforço natural, um reconhecimento emocionante das possibilidades da aventura espiritual.

Eu queria fazer penitência pelos meus próprios pecados e pelos pecados do mundo inteiro, pois tinha um sentido aguçado das imperfeições naturais e da mundanidade (Day, 2019, p. 31-32).

Recorda-se Dorothy Day de haver ficado muito tocada também por outra vizinha com quem teve contato, quando a viu, de joelhos, rezando na sala de sua casa. Aquela visão proporcionou a ela um sentimento de gratidão e felicidade, cujo resultado foi uma profunda experiência de coração aquecido e ardente. Evento que ela interpreta como seu primeiro impulso na direção do catolicismo (Day, 2019, p. 32).

Para José Manuel Pureza (2016, p. 7), autor do prefácio da biografia de Dorothy Day (*Tudo é graça: a revolução de Dorothy Day*), escrita por Jim Forest e publicada originalmente em 2011¹⁰, a vida dela foi sempre um “exercício de amor pelos pobres e de louvor a Deus através da luta com os pobres”, mesmo nos momentos em que esteve afastada da religião. Desde muito jovem, esteve sempre sensível ao problema da pobreza, mesmo depois de ter se mudado para o outro lado da cidade de Chicago (*North Side*), saindo do apartamento sombrio em que morou no lado sul da cidade (*South Side*).

No último ano de Liceu, aos 16 anos de idade, Dorothy Day começa a se enraizar nela a sensibilidade por políticas radicais e pelo movimento trabalhista estadunidense (Forest, 2016). O contato com o jornal *The Day Book*, no qual trabalhou seu irmão mais velho, e também várias outras leituras, dentre as quais, com algum destaque, as obras do anarquista russo Peter Kropotkin e do escritor Upton Sinclair, tocaram-na profundamente. De Sinclair, o romance *The Jungle* (publicado em formato de livro em 1906), que trata da violência e da corrupção na indústria da carne em Chicago, foi tão impactante que a motivou a fazer longas caminhadas em direção ao *West Side* de Chicago, empurrando o carrinho do irmão mais novo e muitas vezes com a irmã ao lado. A sensibilidade dela pelos pobres aumentava em meio aos acontecimentos e às tarefas mais típicas do cotidiano.

¹⁰ A edição que utilizamos, aqui, é uma tradução portuguesa de 2016.

Kropotkin, especialmente, despertou-me a atenção para a situação dos pobres, dos trabalhadores, e embora a minha única experiência com os indigentes se reportasse aos livros, o simples facto de *The Jungle* ser sobre Chicago, onde eu morava, e cujas ruas eu percorria, fez-me sentir que a partir de então a minha vida teria de estar ligada à deles, os seus interesses deveriam ser os meus; recebi um chamamento, uma vocação, uma orientação para a minha vida.

Sentia, já aos 15 anos, que Deus queria que o Homem fosse feliz, que Ele pretendia dar-lhe aquilo de que ele precisava para levar uma vida com o objetivo de ser feliz, e que não era necessário termos tanta pobreza e tanta miséria quantas as que eu via à minha volta e sobre as quais lia na imprensa diária (Day, 2019, p.47-48).

Aos 17 anos de idade, tendo ido para a Universidade de Illinois (em Urbana-Champaign), a sul de Chicago, começou a fazer experimentos de liberdade. Morando longe da família, tinha de cuidar da manutenção da própria vida, foi um tempo em que mergulhou mais profundamente em movimentos políticos radicais e em que passou a rejeitar a religião institucional. O radicalismo de Dorothy Day – apreendido no jornal *The Day Book*, com o jornalista Jack London (John Griffith Chaney)¹¹, também pela influência do escritor Sinclair e por sua própria visão da pobreza – “entrava em conflito com a religião, que pregava paz, mansidão e alegria” (Day, 2019, p.51).

A explicação que segue é decisiva para a compreensão desse período de vida de Dorothy Day (2019, p. 51): “Nas minhas leituras, devo ter absorvido naquela época o desprezo religioso, uma atitude conscientemente crítica em relação às pessoas religiosas que se sentiam tão confortavelmente felizes perante as injustiças do mundo”. A forma como experimentou a liberdade – chegando a levar uma vida sem regras – e a postura crítica e radical em face da realidade trouxeram a ela, como consequência, um sentimento de solidão: “Sentia uma arrogância imprudente e, com essa imprudência, uma sensação de perigo na qual me comprazia” (Day, 2019, p. 55). De modo que, “em junho de 1916 – agora com 18 anos – decidiu que já tinha estudos suficientes. Juntou-se aos seus pais que se mudaram para Nova York, onde John Day tinha sido contratado pelo *The New York Telegraph*” (Forest, 2016, p. 44).

¹¹ Algumas das principais influências epistemológicas do jornalista Jack London, por exemplo, Friedrich Nietzsche, Charles Darwin e Karl Marx, são suficientes para compreender com que tipo de pensamento Dorothy Day entrou em contato.

3 As experiências de compaixão

Dorothy Day se converteu ao catolicismo já na maturidade, mas a leitura de suas memórias nos mostra que a sensibilidade evangélica ao sofrimento do próximo, mandamento de base do cristianismo, esteve presente o tempo todo em sua vida, mesmo na fase mais crítica de envolvimento com os movimentos sociais e políticos mais radicais, e que foram concomitantes com sua rejeição à religião.

Portanto, antes mesmo de sua firme adesão à religião católica, já havia experimentado o apelo daquilo que podemos chamar de mística de olhos abertos, na feliz expressão de Johann Baptist Metz (2013). Nessa mesma trilha, Maria Clara Bingemer (2016, p. 110) também considera o testemunho de Dorothy Day identificado com a “mística de olhos abertos”, pois, à medida de sua aproximação com o cristianismo, sua sensibilidade social ganhava um sentido espiritual. Por exemplo, acreditava ser necessário experimentar a pobreza a partir de dentro, a fim de desenvolver uma solidariedade realista com os pobres. Encontros concretos com os pobres inspiravam nela um “áspero e terrível amor”, como bem caracteriza Bingemer (2016).

Ainda segundo Metz (2013), as transformações modernas no âmbito do cristianismo, especialmente as que se deram ao longo do século XX, levaram-nos a reconhecer a centralidade da compaixão. Para ele, a compaixão conduz ao descentramento, isto é, a uma relativização dos próprios interesses em vista do sofrimento do outro. Com isso, interrompe-se o círculo de violência e a compaixão se eleva a uma força de oposição à crueldade do mundo social. Assim, a mística de olhos abertos é uma espiritualidade universal, pois a atenção à vítima e a obediência a sua autoridade, que convocam ao engajamento em prol de uma sociedade mais justa, precedem a obediência a uma instituição religiosa determinada. E não nos custa lembrar que o contexto vivencial de Dorothy Day, nos EUA, era o capitalismo em sua face mais competitiva – talvez possamos antecipar, aqui, aquela expressão que ficou consagrada na literatura e nas artes como *capitalismo selvagem*.

Na autobiografia, Dorothy Day (2019) narra várias experiências de compaixão. Em meio à vida boêmia e militante, tempo em que atuou como

jornalista, houve momentos em que se sentiu profundamente tocada pela dor do outro. Cabe-nos destacar sua primeira de duas experiências de encarceramento, provocada pela participação numa manifestação de sufragistas em Washington, em frente à Casa Branca, em 1917. Dorothy Day acabou presa com o grupo, sendo condenada a um mês de reclusão. Durante esse tempo, sentiu-se profundamente desolada, perdeu a consciência das causas em que estava envolvida e também a de sua própria identidade:

Refletia sobre a desolação da pobreza, da miséria, da doença e do pecado. O fato de ir ser libertada dentro de 30 dias não significava nada para mim. Eu nunca seria livre, nunca mais seria livre enquanto soubesse que atrás das grades, em todo o mundo, havia mulheres e homens, raparigas e rapazes que sofriam represálias, punições, isolamento e dificuldades por crimes de que todos éramos culpados.

[...]

Eu seria totalmente esmagada pelo sofrimento antes de ser libertada. Nunca iria recuperar daquela ferida, daquele feio conhecimento que adquiri sobre o que os homens são capazes de fazer uns aos outros. Uma coisa era escrever sobre esses assuntos, ter um conhecimento teórico sobre as fábricas, a injustiça e a fome; outra coisa completamente diferente era experimentá-lo na nossa própria carne (Day, 2019, p. 90-91).

Durante o tempo em que estive na prisão, experimentou também sentimentos paradoxais relacionados à religião. Logo nos primeiros dias, pedi uma Bíblia, cuja leitura lhe trazia sentimentos contraditórios. De um lado, experimentava a sensação de alguma coisa perdida da infância, bem como alegria e gratidão pelos salmos, e, de outro, lutava contra o próprio orgulho, pois não queria ir a Deus derrotada e arrependida.

Não queria depender d'Ele. Era como a criança que quer andar sozinha, e estava sempre a afastar a mão que me agarrava. Tentei convencer-me de que estava a ler pelo gozo literário, mas as palavras continuavam a ecoar no meu coração. Rezava, e não sabia que rezava (Day, 2019, p. 93-94).

Mais tarde, identificou essa tensão como uma luta da natureza contra a vida da graça (Day, 209, p. 98), que continuamente marcou presença em meio a sua vida atribulada de jornalista. Sentia, em alguns momentos, a necessidade de ir à igreja e se ajoelhar, apesar de sua postura ainda crítica à religião. Fazia isso, ela confessa, por uma grande necessidade de reverência:

Muitas manhãs, depois de ter passado a noite toda em bares, ou regressado de bailes no Webster Hall, ia a uma missa de manhã cedo na St. Joseph's Church, na Sixth Avenue, e ajoelhava-se ao fundo da igreja,

sem saber o que estava a passar no altar, mas aquecida e reconfortada pelas luzes e pelo silêncio, vendo as pessoas ajoelhadas e observando a atmosfera de adoração (Day, 2019, p. 97).

A experiência de Dorothy Day deu a ela a certeza – ou, no mínimo, o indício – de que as pessoas não podiam ser culpadas e punidas tão somente de modo individual, como se a sociedade estivesse a se livrar da causa de seus males. Na verdade, ela compreendeu que a sociedade, por meio de seu ordenamento jurídico-político culpava e condenava as próprias vítimas. Os erros ou pecados eram sociais, pois a estrutura estava pervertida: não era – como ainda não é – possível considerar que o empreendedorismo pessoal vai salvar a todos numa economia industrial, de livre mercado e Estado mínimo. Segundo Dorothy Day (2019), as grandes fortunas, mesmo que acumuladas por meio tortos ou malfeitos, eram elogiadas pela sociedade, ao passo que os pequenos furtos, ainda que para a sobrevivência pessoal ou da família, eram punidos com vigor.

4 A chegada a Deus pelos descaminhos da vida

A conturbada vida amorosa também teve grande significado no itinerário espiritual de Dorothy Day. O envolvimento com movimentos radicais em meio à emergência do movimento feminista atingiu, sem dúvida, seus relacionamentos amorosos. Sempre muito intensa, ela confessa ter amado dois homens, Lionel Moise e Foster Batterham, apesar de ter tido um breve casamento com o produtor literário Barkely Tobey (Day, 2019).

Moise representou uma “atração fatal” (Forest, 2016, p. 81), a quem Dorothy Day conheceu quando trabalhou como enfermeira durante a guerra, ainda bem jovem, em 1919, ocasião em que passaram a viver juntos. Apesar da aparência de um relacionamento pouco tradicional – uma vez que Moise, sendo avesso ao casamento e não querendo filhos, assumiu a relação, insistindo que deveria ser temporária –, ele impôs a ela condições repressivas, impedindo-a de trabalhar, também de escrever. Esse relacionamento, conforme ela relata em seu romance *The Eleven Virgin* (Day *apud* Forest, 2016, p. 82), terminou tragicamente e incluiu a dura experiência de uma gravidez não desejada e a decisão pelo aborto (situação vivida que é omitida em sua autobiografia). Mas o significado espiritual daquela experiência se encontra numa carta escrita mais

tarde, em 1973, a uma jovem:

Rezo intensamente por ti esta manhã, porque eu própria passei por muito daquilo por que tens passado. Por duas vezes tentei acabar com minha própria vida, e o meu querido Senhor puxou-me através dessa escuridão – fui salva dessa escuridão. A minha doença também era física, visto que eu tinha feito um aborto com consequências más, e, em certo sentido, a minha doença mental era uma penitência que eu tinha de suportar. Deus, porém, foi tão bom para mim – tenho-me alegrado tanto com a natureza, com o trabalho – permitindo que me realizasse, utilizando o amor que Deus me deu pela beleza e o desejo de me expressar. Ele deu-me uma e outra vez tanta alegria e força, como certamente te dará a ti se lha pedires (Dorothy Day *apud* Forest, 2016, p. 83).

Foster Batterham, anarquista e biólogo, foi o homem que Dorothy mais amou, com ele, viveu em união de fato e teve uma filha, Tamar. Ao longo dessa convivência, entretanto, experimentou uma paz dividida. Embora se sentisse feliz com o companheiro, sua própria felicidade a fazia “saber que havia uma felicidade maior a obter na vida, maior do que qualquer outra” (Day, 2019, p. 97). Começou, à época, de forma consciente, a rezar mais. A felicidade e o fascínio pela natureza despertado nela pela convivência com Foster fizeram crescer nela o prazer da oração. Rezava enquanto caminhava e questionava a si mesma se não seria a oração, para ela, como o *ópio do povo*.

A despeito de conhecer a tese da religião como ópio do povo, assim como o que ela representava como sustentação da exploração da classe trabalhadora pela classe dominante no capitalismo industrial, Dorothy Day raciocinava consigo mesma e respondia para si: “estou a rezar porque estou feliz, e não porque estou infeliz. Eu não voltei para Deus por infelicidade, por tristeza, por desespero – para obter consolo, para obter algo d’Ele” (Day, 2019, p. 149). Em contrapartida, Foster se irritava com o apelo ao espiritual de sua companheira. Dorothy Day, por sua vez, não conseguia falar com ele sobre fé ou religião, embora sentisse que a felicidade natural vivenciada com ele a conduziu a Deus:

[...] estava grata pelo amor, estava grata pela vida, e viver com Foster fazia-me apreciar e reverenciar ainda mais isso. Ele dera-me a conhecer tantas coisas bonitas e boas que sentia que também lhe devia a ele aquele interesse renovado pelas coisas do espírito (Day, 2019, p. 151).

Os atritos do casal se prolongavam, inclusive, durante a gravidez Dorothy Day, pois Foster, que era contra a formalização do casamento, também não

acreditava que deveria trazer uma criança ao mundo. Obcecado pela guerra – como Tamar nasceu em 1924, estamos a supor que se trate da Primeira Guerra Mundial –, ele tinha medo das responsabilidades e antipatia por controlar os outros. Por causa de seu individualismo extremo, sentia que não deveria ser pai. Todavia, o maior desafio enfrentado por Dorothy, que significou um marco importante para o seu itinerário espiritual, foi sua firme decisão de batizar a filha, mesmo que, em consequência disso, tivesse de desistir do companheiro. Junto com essa difícil decisão, veio também o desejo de se tornar católica, integrar-se formalmente à Igreja, mesmo tendo ciência das contradições da instituição religiosa.

Era muito bom amar a Deus nas suas obras, na beleza da sua criação, coroada para mim pelo nascimento de minha filha. O Foster fez com que o mundo físico ganhasse vida para mim, e despertou no meu coração uma onda de gratidão. O objeto final desse amor e dessa gratidão era Deus. Nenhuma criatura humana conseguia receber ou reter tanto amor e tanta alegria como os que me inundaram depois do nascimento da minha filha. Com isso veio a necessidade de venerar, de adorar. Eu tinha ouvido muita gente dizer que queria adorar a Deus à sua maneira e que não precisava de uma Igreja para O louvar, nem de um conjunto de pessoas a quem se associar. Mas eu não concordo com isso. A minha própria experiência enquanto radical, tudo aquilo que me formou levou-me a querer associar-me a outros, às massas, ao amar e louvar a Deus (Day, 2019, p. 155).

Conforme observamos em suas palavras, a felicidade advinda do amor conjugal, que culminou com o nascimento da filha, provocou um sentimento de gratidão a Deus maior que tudo, maior, inclusive, que a necessidade de manutenção de seu relacionamento com o companheiro. Uma grande luta se instalou no coração de Dorothy Day, assim como a necessidade de uma escolha se impôs: ou Deus ou o marido. Diante desse impasse, decidiu-se por Deus, mesmo sabendo que a ele tivesse sido conduzida pelo amor vivido com Foster:

Tornar-me católica significava para mim desistir de um companheiro por quem estava apaixonada. Cheguei a um ponto em que restava uma simples questão: ou escolhia Deus, ou escolhia o homem. [...] Não era por eu estar cansada de sexo, saciada, desiludida, que me voltava para Deus. Os meus amigos radicais costumavam insinuar isso. Fi-lo porque, através de um amor completo, tanto físico quanto espiritual, passei a conhecer Deus (Day, 2019, p. 156).

A integração de Dorothy Day à Igreja também foi marcada por muita contradição, pois implicou afastar-se do movimento radical e dos amigos com os quais compartilhava essa forma de engajamento. Sabia que, com isso, estava a

mudar de lado. Também estava claro para ela que a Igreja alinhava-se com a propriedade, com os ricos, com o Estado liberal, com as forças da reação, enfim, com o capitalismo nos EUA. Apesar disso, Dorothy passou a amar a Igreja, não por ela mesma, mas porque, por ela, Cristo se tornara visível. “Romano Guardini disse que a Igreja é a cruz na qual Cristo foi crucificado; não se pode separar Cristo da sua cruz e temos de viver num estado de permanente insatisfação com a Igreja” (Day, 2019, p.167).

Nos tempos da Grande Depressão¹², trabalhando como repórter para cobrir a Marcha da Fome, evento patrocinado pelo Comitê Nacional das Associações de Desempregados, sentiu muito fortemente esta tensão: ao mesmo tempo em que admirava a coragem das pessoas que reclamavam justiça social, sentia que, na condição de católica, não podia comungar inteiramente com o movimento. Lamenta-se, julga insignificante seu trabalho depois que se tornou católica e pede em oração, em meio a lágrimas, que se abra para ela um caminho em que seja possível usar seus talentos em prol dos pobres.

Quando acabou a manifestação e eu acabei de escrever minha história, fui ao santuário nacional da Universidade Católica, na festa da Imaculada Conceição. “Aí ofereci uma oração especial, uma oração com lágrimas e angústia, pedindo para que algum caminho se abrisse para eu usar os talentos que possuía pelos meus colegas de trabalho, pelos pobres” (Day, 2019, p.184).

Esse acontecimento e o encontro com o Peter Maurin¹³ representaram, de fato, para Dorothy Day, uma verdadeira *interrupção* – no sentido atribuído por Metz (2013) –, além disso, foram acontecimentos que conceberam uma mudança de rumo em sua vida, ou melhor, um acerto de direção. Começou ela a vislumbrar que a solução para a *longa solidão* que conheceu no enfrentamento das várias situações desafiadoras de sua vida, e que todos conhecem ora mais ora menos ao longo da existência, “é o amor, e que o amor vem com a comunidade” (Day, 2019, p.314). Encontrou a essa altura de sua vida – para nos situarmos cronologicamente, a oração que ela fez no encerramento da Marcha da Fome foi em 1932 – o caminho para colocar seu talento de jornalista e escritora em favor

¹² Ave, Charles Chaplin!, que com humor, criatividade e contundência expôs as contradições e as crueldades do capitalismo em *Tempos Modernos* (1936).

¹³ Maurin foi um ativista social católico, nascido de família de lavradores da região francesa do Languedoc, integrou na juventude uma congregação de religiosos leigos dedicada à educação e foi também membro ativo de *Le Sillon*, movimento que defendia a democracia cristã e apoiava cooperativas e sindicatos.

dos pobres. Podemos dizer que passou a obedecer a autoridade das vítimas, num posicionamento que confirma a possibilidade de interpretar seu itinerário espiritual como *uma verdadeira mística de olhos abertos* (Metz, 2013) – e com os pés nos chãos, acrescentamos nós.

5 A resposta é o amor

Maurin migrou aos 25 anos para o Canadá e foi, posteriormente, para os EUA. Como migrante nesses países, sobreviveu por aceitar todo trabalho que encontrava. Era um homem simples, mas com grande ambição. Propôs-se a fazer uma síntese, como São Tomás de Aquino¹⁴, contando com um grupo de pessoas, a fim de criar um movimento: o *Catholic Worker Movement* (CWM). Procurou Dorothy Day, certo dia, com a proposta de um projeto que se constituía, conforme nos informa Forest (2016, p. 143), de três pontos basilares:

[...] fundar um jornal e organizar mesas redondas para esclarecimento sobre o seu pensamento, promover casas de hospitalidade para quem precisava de alimentos e de abrigo, e organização de comunidades agrícolas que permitissem o regresso à terra dos operários e dos eruditos.

Maurin distinguia a *pobreza* da *miséria*, e entendia que a pobreza tinha uma força libertadora. Confiava, ainda, na responsabilidade de cada um no cuidado com o próximo, mesmo com sacrifício pessoal. Entendia que a caridade é pessoal, e que se revela e se encarna no amor. Enxergava o “movimento da terra como única solução para o desemprego e a irresponsabilidade, a as obras de caridade como o trabalho ao alcance da mão, ignorando as necessidades imediatas dos trabalhadores dos sindicatos, os seus conflitos e exigências” (Day, 2019, p. 199). Talvez possamos pensar num homem e numa obra diferentes daqueles mais tradicionalmente ligados aos movimentos dos trabalhadores nos EUA, assim como em todo o mundo.

Informa-nos Forest (2016, p. 151) que Maurin entendia ser necessária uma pacífica *revolução verde*, e contava com Dorothy Day para atuar como editora de um jornal que fosse uma publicação radical católica, que tornasse conhecida a

¹⁴“Procurava uma nova ordem entretecida de ‘culto, cultura e cultivo’, uma síntese que lhe parece ‘tão antiga que até parecia nova’” (Forest, 2016, p.149). Esse é o sentido de síntese em analogia com Tomás de Aquino, como exemplo de alguém que realizou a grande síntese na teologia, articulando fé e razão.

doutrina social da Igreja e que ajudasse a promover a transformação pacífica da sociedade. *The Catholic Worker* começou a ser publicado em maio de 1933 e alcançou um grande crescimento já no primeiro ano. O que encontravam nele os leitores?

[...] uma voz única entre os jornais, tanto religiosos quanto políticos. Havia artigos acerca de princípios e colunas cheias de notícias. Ao mesmo tempo, o jornal era escrito num tom particularmente íntimo e próximo, como se de uma carta entre amigos se tratasse. [...] A forma profundamente pessoal de Dorothy abordar o jornalismo era um fator essencial da atração exercida pelo jornal. “Escrever é um ato comunitário – explicaria ela numa coluna de 1950. – É uma carta, é reconfortante e consolador, é uma ajuda, aconselhando, pelo nosso lado, mas também pedindo conselhos ao leitor. Faz parte de nossa ligação humana recíproca. É uma expressão do nosso amor e da nossa preocupação uns pelos outros” (Forest, 2016, p. 165).

Casas de acolhimento em que se poderiam praticar as obras de misericórdia, conforme proposta de Maurin, também foram implementadas. Com boa recepção, a iniciativa encabeçada por Dorothy Day e Maurin muito rapidamente se constituiu num movimento. Dorothy se tornara uma missionária, principalmente para os católicos, motivando uma fé comprometida com a realidade social. Dividida entre suas obrigações de mãe solo e as exigências do movimento, fazia viagens frequentes para o acompanhamento das comunidades que compunham o movimento e divulgava seus ideais em igrejas, faculdades, seminários e sedes de sindicatos:

Falando informalmente, geralmente sem notas, muitas vezes com um cigarro na mão, Dorothy impressionava os seus ouvintes com a sua convicção de que o mundo melhoraria de forma significativa se os cristãos estivessem dispostos a procurar o rosto de Cristo nos outros, sobretudo nos pobres e nos condenados, nas pessoas que tantos de nós tendemos a evitar. “Aqueles que não conseguem ver Cristo nos pobres são ateus de fato”, repetia Dorothy muitas vezes (Forest, 2016, p. 230).

Certa vez, Dorothy Day foi questionada por um padre sobre sua situação familiar. Segundo o clérigo, ela não teria autoridade para fazer valer suas posições sobre comunidade e pessoalidade por não ser *uma mulher de família*. Num capítulo de sua autobiografia dedicado à família, ela declara, respondendo indignada à crítica dirigida a ela:

Mas eu sou uma mulher de família. Tive um marido, um lar. Tenho uma filha que neste momento me dá problemas. Como é que posso deixar que alguém me dê a ideia que sou uma pessoa solteira? Eu sou mãe, e mãe de uma família muito grande. Ser mãe é uma realização, é render-

se aos outros, é amor, e, portanto, é claro que é sofrimento. Ele dá “família à mulher estéril e faz dela a mãe feliz de muito filhos” (Day, 2019, p. 259).

No itinerário a que foi conduzida por Deus, confessava sentir falta das alegrias do casamento. Por vários anos, sentia falta de acordar com um rosto encostado ao seu peito e com um braço sobre seus ombros. Lembra-se também do desafio que foi atender às exigências do movimento adotado por ela, mas sem se descuidar do cuidado com Tamar, sua filha, e da grande solidão que sentia em cada momento de separação entre elas imposto pelo trabalho. Contudo, olhando para sua vida de mulher, mãe e leiga cristã católica, envolvida com os desafios da transformação da sociedade, e considerando os vários momentos de solidão pelos quais passou, afirma Dorothy Day (2019, p. 266-267): “A única resposta nesta vida para a solidão que todos acabamos por sentir é a comunidade. Vivendo juntos, trabalhando juntos, partilhando, amando a Deus e amando o nosso irmão, e vivendo perto dele em comunidade, para podermos demonstrar o nosso amor por Ele”.

Nos EUA de seu tempo, marcado pelo capitalismo industrial e todas as desigualdades sociais e econômicas decorrentes dele, era desafiador o modo de vida imposto pelo engajamento de Dorothy Day no movimento centrado no enfrentamento da injustiça e violência sofridas por tantas pessoas que eram recebidas nas várias casas de acolhimento. A experiência de *retiros* teve também papel importante para o movimento e para o aprofundamento espiritual de Dorothy Day, numa época em que não se esperava de leigos e leigas um compromisso com o evangelho em sua radicalidade. Era suficiente – mas não para ela – que estivessem em conformidade com as orientações da Igreja, tivessem sido “batizados e confirmados, de confissão e missa frequente, observadores das leis conjugais, que criassem os próprios filhos como católicos e que apoiassem financeiramente a Igreja” (Forest, 2016, p. 241).

No final da Segunda Guerra, decidiram os seguidores do movimento, aqueles que giravam em torno de um projeto comum, transformar uma de suas propriedades rurais em casa de retiro, lugar que teria a função de possibilitar às pessoas condições de estudo e oração, para, segundo Dorothy Day (2019, p. 284), começarem a perceber “o que significava ser um filho de Deus” e as

responsabilidades que isso implicava. O retiro devia levar as pessoas a examinarem suas consciências “quanto ao trabalho que faziam no mundo, os seus bens materiais, os seus apegos” (Day, 2019, p. 284). Ali, a Palavra de Deus, proferida com entusiasmo, tinha uma força revolucionária e devia levar as pessoas a uma nova vida. Essa descoberta teria feito Dorothy Day lamentar a falta de cuidado dos pastores com a pregação nas missas de domingo:

Penso com certa amargura [...] que o homem comum não ouve a Palavra de Deus. Os pobres não têm quem lhes pregue o evangelho. Eu nunca o tinha ouvido como ouço agora, no retiro anual, e com certeza de que se trata de facto do Evangelho... Os pastores não alimentam o seu rebanho (Day *apud* Forest, 2016, p. 246).

Em contrapartida, Dorothy Day (2019, p. 280) lembra de um retiro orientado pelo Pe. John J. Hugo e conduzido de maneira nova, não focado no pecado, mas nas escolhas a fazer para se viver como filhos de Deus¹⁵:

Não houve muita conversa sobre pecado nesse retiro. Em vez disso, as conversas versaram sobre o bem e o melhor. A conversa era sobre a escolha que tínhamos de fazer, e não entre o bem e o mal. Nós recebemos uma parte da vida divina; fomos criados pra um nível sobrenatural; foi-nos dado o poder para nos tornarmos filhos de Deus.

Filhos de Deus, é bom que se diga, não como pré-habitantes do céu, mas como pessoas que rezam *venha a nós o vosso reino*, ou seja, com o compromisso coletivo (no movimento) de fazer, de alguma forma, a revolução na história, com o senso de que *tudo é graça* – como exemplo bem elaborado de *mística de olhos abertos e pés no chão*.

Conclusão

O chamado à santidade não é reservado a poucos, é para todas as pessoas, afirma o Papa Francisco: “Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra” (GE, 14). Deus alcança o fiel e o chama em sua própria condição. O caminho da santidade não descarta erros e momentos negativos. Cada santo “é uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá a seu povo” (GE, 21).

¹⁵ Segundo Benjamin Peters (2016), o retiro sobre o qual fala Dorothy tinha raízes inicianas.

É esse o testemunho da *Serva de Deus* Dorothy Day, com sua vida e obra de santidade, que vale muito a pena contemplar, sobretudo, pois nunca se esquivou se mostrar como *gente como a gente*. Dorothy Day não se recusou em nenhum momento da vida, mesmo antes de sua piedade e ativismo cristãos, a enfrentar o “espírito” de seu tempo, segundo Pureza (2016, p. 7), “em pleno auge de afirmação do capitalismo industrial nos Estados Unidos”. Tempos polarização extrema, concentração de renda e riqueza, e aumento extremo de pobreza na sociedade estadunidense.

Mesmo antes da morte de Dorothy Day, informa-nos Forest (2016), muita gente já a enxergava como santa. Mesmo tendo a convicção de que a santidade é um chamado dirigido a todas as pessoas, ela se incomodava com isso, não queria ser vista como uma pessoa separada ou à parte, como, em geral, são considerados os santos, segundo uma compreensão literal da palavra *santo*. Dezesete anos após sua morte, em 1980, foram dados os primeiros passos para sua canonização. Segundo Bingemer (2016, p. 112), “seu pacifismo é uma das características mais fortes de sua mística e militância”. Para William T. Cavanaugh (2016, p. 117), seu pacifismo tinha na base a doutrina do *Corpo Místico de Cristo*.

Diante dos conflitos que explodiram na Segunda Guerra Mundial, posicionara-se no jornal *Catholic Worker* contra a violência de forma surpreendente, fazendo estampar na edição de setembro de 1939 a manchete “Nós somos os culpados pela nova guerra na Europa” (Cavanaugh, 2016, p. 117). Esse “nós” eram todas as pessoas – não apenas cristãos católicos – que faziam parte do corpo cósmico de Cristo, a humanidade e a criação abraçadas por Cristo em sua missão redentora. A culpa da guerra era, portanto, de todos os povos do mundo, dentre os quais ela e o Movimento Católico Operário se incluíam, “por seu materialismo, sua ganância, seu nacionalismo idólatra, por sua recusa em acreditar em uma paz justa, por sua cruel submissão de um país nobre [...]. Hitler é incidental; a guerra teria chegado mais cedo ou mais tarde sob estas circunstâncias” (Day *apud* Cavanaugh, 2016, p. 117). Sendo parte de um mesmo corpo, todos partilhamos da mesma dor e da mesma culpa.

A forte identificação com o Corpo Místico de Cristo, do qual faz parte a criação toda, implica compartilhar o sofrimento do pobre e também a

responsabilidade pelo pecado, e promove uma solidariedade que supera toda divisão. A redenção de Deus supera a separação entre puro e impuro, entre amigo e inimigo. Assim, a violência é impensável, porque representa justamente a destruição mútua dos membros de um mesmo corpo. Isso significa que “a força mística que liga todas as pessoas umas às outras também liga nossos destinos de um modo tal que ninguém está livre da responsabilidade pelo pecado que impede o corpo de ser o que foi chamado a ser” (Cavanaugh, 2016, p. 123).

A única solução para o Corpo de Cristo dilacerado é o amor, incluindo o amor aos inimigos. Para Dorothy Day, afirma Cavanaugh (2016, p. 129), o Corpo de Cristo não é um corpo de virtude, “mas um lugar onde o pecado é absorvido e curado pelo processo de amor pelo qual os membros assumem os fardos dos pecados dos outros, tanto a consequência desses pecados como a culpa por eles”. Para ela, portanto, a única solução para a violência é desenraizá-la do próprio coração e a única maneira de fazer isso é reconhecer que a violência está lá, no coração de cada um.

Para o Cardeal John O’Connor (*apud* Forest, 2016, p. 430), arcebispo de Nova Iorque que deu os primeiros passos para a canonização de Dorothy Day, ela era uma mulher notável porque enxergou a transformação que o capitalismo de mercado impôs ao mundo, colocando o capital ou o dinheiro no centro de tudo: “Via a família tratada como um mercado” e também que “a própria Igreja se poderia se transformar num simples mercado”.

Tendo amado a Igreja e sendo fiel a ela, afirma o cardeal O’Connor (*apud* Forest, 2016, p. 430) em homilia feita durante a missa no dia seguinte do centésimo aniversário do nascimento de Dorothy Day, “reconhecia que nós, pobres e fracos humanos – pessoas como vós, como eu –, podemos fazer com que a Igreja não passe de um mercado”. Era uma mulher radical, foi duramente criticada e sofreu principalmente por ver os sofrimentos de Cristo nos pobres.

Segundo testemunhos de pessoas que conviveram com ela, Dorothy Day é santa porque desafia reformadores e ativistas a conservarem o amor pela Igreja e pelo Evangelho. Aos conservadores, aponta que estejam atentos à radicalidade do Evangelho, e desafia os dois grupos (de um lado, reformadores e ativistas, e, de

outro, conservadores) a resolverem as suas diferenças com amor e respeito, sobretudo, pelo bem do mundo e da humanidade.

Dorothy Day foi uma mulher que “morreu completamente ao seu ego, tentando corresponder ao amor de Cristo. [...] Sempre desafiou a cuidar dos fracos, a amar o inimigo” (Forest, 2016, p. 434-435). Tinha forte sentimento de seus próprios pecados, das fraquezas e defeitos, ao mesmo tempo em que nutria uma grande confiança no perdão de Deus, “um sentido muito forte de gratidão” (Forest, 2016, p. 436). Além disso, com sua vida, mostrou que o Sermão da Montanha (Mt 5-7), em sua radicalidade, pode ser inspiração para as pessoas comuns. Seu testemunho de santidade é, de fato, uma mensagem do Espírito Santo, um modelo a contemplar e a seguir.

Como libelo particular ao campo de estudos em questão, na interface assumida das Ciências da Religião com a Teologia (afinal, somos teólogos), queremos concluir este nosso texto com duas citações do Sermão da Montanha¹⁶ – contrariando normas (*nonsense*), que pedem a um artigo que não seja concluído com citações. Todavia, estamos a falar de Dorothy Day, por conseguinte, desafiar regramentos parece ser nossa obrigação. Na verdade, poderíamos transcrever o ensinamento de Jesus na íntegra – o que também não nos parece o caso, basta que o leitor (cristão ou não, religioso ou ateu) acesse o texto neotestamentário.

- (1) “Ninguém pode servir a dois senhores: ou odiará a um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro” (Mt 6,24). Todos sabem, mas não custa relembrar, que Dinheiro, nessa acepção, é *Mamom*, não somente um agente de operação econômico-monetária, mas a personificação de uma *divindade* própria,
- (2) *Time is not money*. “Não vos preocupeis, portanto, dizendo: ‘Que comeremos? que beberemos? com que nos vestiremos? [...], pois bem sabe o vosso Pai celeste que precisais de todas essas coisas. Procurai primeiro o Reino e a justiça de Deus, e tudo isso vos será dado por acréscimo. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã: o dia de

¹⁶ Utilizamos a *Bíblia – Tradução Ecumênica* (TEB), publicada, no Brasil, por Edições Loyola, pois entendemos que o testemunho de Dorothy Day nos autoriza à causa do ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta o seu mal” (Mt 6, 31-34).

São ensinamentos de Cristo e da comunidade ou movimento de Jesus nas primeiras décadas do cristianismo, confirmados, vividos e até radicalizados por Dorothy Day em seu tempo de vida, testemunho e obra. Agora, a quem cabe a responsabilidade de manter acessa a contracultura cristã em pleno século XXI?

REFERÊNCIAS

BÍBLIA: Tradução ecumênica. Edições Loyola, 1994.

BINGEMER, M. C. L. Dorothy Day: uma mística de olhos abertos. In: BINGEMER, M. C. L.; ANDRADE, P. F. C. **Fé, justiça e paz**: o testemunho de Dorothy Day. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2016. p. 103-116.

CAMPOS, B. M.; MARIANI, C. M. C. B. Peter Berger e Rubem Alves: religião como construção social entre a manutenção do mundo e a libertação. **Protestantismo em Revista**, v. 36, p. 3-20, 2015. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2396>. Acesso em: 20 ago. 2024.

CAVANAUGH, W. T. “Nós somos os culpados pela guerra”: Dorothy Day sobre a violência e culpa no Corpo Místico de Cristo. In: BINGEMER, M. C. L.; ANDRADE, P. F. C. **Fé, justiça e paz**: o testemunho de Dorothy Day. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2016. p. 117-133.

DAY, D. **A longa solidão**: autobiografia de Dorothy Day. Cascais: Lucerna, 2019.

FOREST, J. **Tudo é graça**: a revolução de Dorothy Day. Prior Velho: Paulinas, 2016.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate do Santo Padre Francisco** – Sobre a chamada à santidade no mundo atual. Roma, 2018.

FRANCISCO. **Visita ao Congresso dos Estados Unidos da América** – Discurso do Santo Padre. Washington, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html. Acesso em: 20 ago. 2024.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro Primeiro: o processo de produção do capital, v. I. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

METZ, J. B. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

MORIN, E. **O método 6**: ética. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PETERS, B. Radicalismo inaciano: as raízes do retiro do Movimento Operário Católico

na espiritualidade jesuíta. In: BINGEMER, M. C. L.; ANDRADE, P. F. C. **Fé, justiça e paz**: o testemunho de Dorothy Day. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2016, p.65-83.

PIERUCCI, A. F. Apresentação. In: WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. 4 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 7-15.

POLLAK, M. Max Weber: elementos para uma biografia sociointelectual (parte II). **Mana – Estudos de Antropologia Social**, v. 2, n. 2, p. 85-113, 1996. Disponível: <https://www.scielo.br/j/mana/a/3wjvGVGxrqgMXdNYPL44nHk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PUREZA, J. M. Prefácio à edição portuguesa. In: FOREST, J. **Tudo é graça**: a revolução de Dorothy Day. Prior Velho: Paulinas, 2016. p. 7-12.

RUBIO, A. G. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. 4 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.